



BIANCA CAMARGO MARTINS
(ORGANIZADORA)

O ESSENCIAL DA ARQUITETURA E URBANISMO 4

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E78	<p>O essencial da arquitetura e urbanismo 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-707-9 DOI 10.22533/at.ed.079191510</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“A obra de arquitectura concretiza a síntese entre o pensamento do arquitecto (ainda que abstrato ideológico) e a realidade. Uma realidade que é antes de mais a condição geográfica: a arquitectura transforma uma condição de natureza numa condição de cultura. Esta transformação modifica um equilíbrio espacial existente num novo equilíbrio. O encontro entre o mundo ideológico do pensamento, o mundo abstrato do desenho e o mundo da realidade é também encontro com uma situação histórica, com uma entidade cultural, com uma memória da qual o território está impregnado e que, julgo, a arquitectura deve reler e repropor através de novas interpretações, como testemunho das aspirações, das tensões, das vontades de mudança no nosso tempo”.

Mário Botta, 1996.

A prática da Arquitectura e do Urbanismo está em constante evolução. A atualização da relação entre arte, técnica e mercado deve se dar não apenas com ênfase na prática profissional, mas deve ocorrer também para aproximar os profissionais dos problemas habitacionais, urbanos e sociais da população.

As ideias desenvolvidas na presente edição do livro “O Essencial da Arquitectura e Urbanismo” reafirmam a importância da discussão e da consolidação do espaço de trabalho do arquiteto e urbanista enquanto profissional capaz de transformar espaços, edifícios e cidades.

A Atena Editora reafirma seu compromisso na divulgação científica ao oferecer a publicação de pesquisas de grande relevância desenvolvidas nas mais diversas instituições de ensino superior, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados do país.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE ENSINAR A DISCIPLINA DE PROJETO	
Vanderlei Rotelli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915101	
CAPÍTULO 2	12
O ANTIGO NO CONTEMPORÂNEO: TRANSFORMAÇÕES ARQUITETÔNICAS NA CHINA E O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL PARA AGRICULTORES NA VILA DE DONGZIGUAN (DISTRITO DE FUYANG)	
Brenda Mesquita de Araújo	
Beatriz de Jesus Bessa Fernandes	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0791915102	
CAPÍTULO 3	45
RELEVÂNCIA CULTURAL DA MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO XXI NA ARQUITETURA BRASILEIRA	
Samir Set El Banate	
Manoel Lemes Silva Neto	
Julia Naves Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915103	
CAPÍTULO 4	57
A ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA NO BRASIL	
Ana Paula Borghi de Avelar	
Luíz Carlos de Laurentiz	
DOI 10.22533/at.ed.0791915104	
CAPÍTULO 5	70
CENTRO PARA CULTURA UNDERGROUND	
Daniel Conforte da Silva Lemos	
Ernani Simplício Machado	
Mauro Santoro Campello	
DOI 10.22533/at.ed.0791915105	
CAPÍTULO 6	82
PROJETO 'GIGANTE PARA SEMPRE': ANÁLISE DE UM GRANDE PROJETO URBANO DA COPA DO MUNDO DE 2014	
Silvana Kaster Tavares	
Andréa Magalhães Viana	
Fábio Bortoli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915106	
CAPÍTULO 7	93
O CENÁRIO ATUAL DAS EDIFICAÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS: O SOLAR BARÃO DE GRAJAÚ, ANTIGO MUSEU DE ARTE SACRA	
Maria Paula Fernandes Velten Pereira	
Ingrid Rayssa dos Santos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915107	

CAPÍTULO 8	104
IDENTIFICAÇÃO DO VALOR CULTURAL QUE UMA EDIFICAÇÃO PROJETA SOBRE A SOCIEDADE: O CASO DA CAPELA RIBEIRA EM SERGIPE/BR	
Eder Donizeti da Silva Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915108	
CAPÍTULO 9	120
CELEBRAR A CIDADE:IMAGENS E DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE GUARAPUAVA-PR (1960- 1990)	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.0791915109	
CAPÍTULO 10	136
AVALIAÇÃO DA REQUALIFICAÇÃO E DO PADRÃO DE QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO NA RUA OSCAR FREIRE EM SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.07919151010	
CAPÍTULO 11	147
CONCEITOS SOBRE PRÁTICAS SOCIAIS E TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA RUA OSCAR FREIRE, SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.07919151011	
CAPÍTULO 12	159
RIO E CIDADE: O DESENHO URBANO ENTRELACADO COM A NATUREZA	
Claudine Machado Badalotti Marciano Balbinot	
DOI 10.22533/at.ed.07919151012	
CAPÍTULO 13	169
ANÁLISE DA ARBORIZAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ	
Flavia Pinheiro de Alencar Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.07919151013	
CAPÍTULO 14	182
MOBILIDADE URBANA EM ERECHIM-RS: ANÁLISE DE VIABILIDADE DE CICLOVIA NO BAIRRO CENTRO	
Natália Moretto Basso Daiane Cláudia Biasi Miranda Bianca do Amaral Esmelindro Mariele Zawierucka Bressan	
DOI 10.22533/at.ed.07919151014	

CAPÍTULO 15	191
O SONHO DA CASA PRÓPRIA: UM LUGAR PARA CHAMAR DE MEU	
Fernanda Joyce Ferreira Barroso	
Rose-France de Farias Panet	
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès	
DOI 10.22533/at.ed.07919151015	
CAPÍTULO 16	200
ESTRATÉGIAS BIOCLIMÁTICAS URBANAS: UMA APLICAÇÃO PARA CIDADE DE CLIMA TROPICAL	
Fernanda Miguel Franco	
Arthur Guilherme Schirmbeck Chaves	
Marta Cristina de Jesus Albuquerque Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.07919151016	
CAPÍTULO 17	212
REGENERAÇÃO DA PAISAGEM: O “ELEMENTO NATUREZA” NA EDIFICAÇÃO DAS CIDADES	
Carolina Caldas Barducci	
Dalva Olívia Azambuja Ferrari	
Lucas Farinelli Pantaleão	
DOI 10.22533/at.ed.07919151017	
SOBRE A ORGANIZADORA	225
ÍNDICE REMISSIVO	226

RIO E CIDADE: O DESENHO URBANO ENTRELAÇADO COM A NATUREZA

Claudine Machado Badalotti

Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro
Universitário UCEFF de Itapiranga/SC.

Marciano Balbinot

Curso de Agronomia do Centro Universitário
UCEFF de Itapiranga/SC.

RESUMO: Em se tratando de desenho urbano, Lerner (2010, p.75) sempre defendeu que é importante e preciso fazer a cidade reagir, acredita que o arquiteto e urbanista pode curar cidades doentes dentro de um processo de planejamento urbano, dessa forma aponta a vegetação como uma boa acupuntura urbana, destacando que a árvore cura a “dor da ausência de sombra, de vida, de cor, de luz”. Assim, o objetivo desse *paper* é trazer de forma sucinta informações acerca da vegetação predominante hoje na orla do rio Uruguai, dentro do perímetro urbano da cidade de Itapiranga, Santa Catarina, ponto de encontro e trocas sociais e de conexão com o Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho urbano; Vegetação; Rio.

RIVER AND CITY: URBAN DESIGN

INTERLACED WITH NATURE

ABSTRACT: In the case of urban design,

Lerner (2010, p.75) has always defended that it is important and need to make the city react, believes that the architect and urbanist can cure sick cities within an urban planning process, this way points the vegetation as a good Urban acupuncture, emphasizing that the tree cures the “pain of the absence of shadow, life, color, light”. Like this, the objective of this paper is to bring briefly information about the predominant vegetation today on the Uruguay River edge, within the urban perimeter of the city of Itapiranga, Santa Catarina, meeting point and social exchanges and connection with Rio Grande do Sul.

KEYWORDS: urban design; Vegetation; River.

1 | INTRODUÇÃO

A água além de manter os diversos ciclos terrestres é vital para a existência da vida e fundamental para a realização de diversas atividades humanas. Além disso, tanto a água doce, como a salgada transmitem uma diversidade de sensações e sentimentos ligados ao imaginário humano (GUIMARÃES, 2011).

O rio por sua vez pode ser um elemento de ruptura entre as duas margens, quando separa regiões, porém para esse mesmo autor, ele não é apenas retratado dessa forma, mas pode ser considerado um espaço de conexão urbana,

que pode servir a mobilidade pública com o uso de ciclovias e transporte fluvial, entre outras. Também é mais que uma paisagem para ser contemplada, as intervenções em rios possibilitam diferentes usos e apropriações, temporárias ou permanentes.

Infelizmente, os rios localizados dentro do perímetro urbano vêm sofrendo degradações ao longo do tempo, agravado pela precariedade das condições de saneamento básico das cidades, pela poluição ambiental, aliado a ocupação irregular das margens, transformando-se dessa forma em alvo de rejeição e esquecimento pelo poder público e pela sociedade como um todo (GORSKI, 2010).

O que inicialmente era um atrativo de formação das primeiras civilizações antigas, sinônimo de riqueza e poder, forma de garantia de alimentação pela pesca e práticas agrícolas desenvolvidas em suas margens, além de se conectar a outras cidades e permitir relações comerciais importantes, com o passar do tempo e com a evolução da urbanização se restringiu a diversos sintomas perturbadores, “[...] mau cheiro, obstáculos à circulação e ameaça a inundações” (GORSKI, 2010, p. 31).

A ocupação irregular das várzeas, a poluição dos recursos hídricos, o desmatamento são alguns dos problemas urbanos, somados a intensificação das enchentes e poluição dos rios, erosão das margens e assoreamento dos leitos, de forma a agravar o abandono de suas áreas verdes e tornando esse elemento paisagístico cada vez mais depreciado (GUIMARÃES, 2011).

Dessa forma, a compreensão da intensa relação entre o rio e a cidade é fundamental para a garantia dessa paisagem, de sua sobrevivência, de forma a impedir sua deterioração e propor usos desejáveis, como espaços de lazer, acessíveis a todos. O rio enquanto elemento paisagístico pode ter diversos usos além do lazer, pode ser um local de contemplação e meditação, pode valorizar a paisagem do lugar, além da sensação de amplitude conferida ao espaço.

Os rios configuram paisagens fluídas, eles são por excelência o espaço dos fluxos – fluxos das águas, das navegações, da circulação dos peixes e animais terrestres – e conferem uma unidade à paisagem, uma continuidade visual marcada pelo seu leito e pelas espécies vegetais que acompanham as suas margens. Nesse sentido os cursos dos rios caracterizam-se como espaço de costura quer seja em meio à natureza ou em ambiente urbano [...] Por outro lado, se a paisagem configurada pelos rios possui uma continuidade espacial no sentido longitudinal do seu leito, por outro, pode atuar como barreira social implicando em apropriações e espacializações diferenciadas entre as margens e atuando como um limite ao crescimento das mesmas (GORSKI, 2010, p. 57).

Dessa forma, falar sobre o Rio Uruguai de Itapiranga, é compreender a vegetação presente dessa pequena cidade, localizada no extremo oeste de Santa Catarina, antiga Porto Novo, de colonização étnica e confessional teuto-brasileira, ou seja, de imigrantes católicos, provenientes em sua maioria do Rio Grande do Sul (HEINEN, 1997; NEUMANN, 2016).

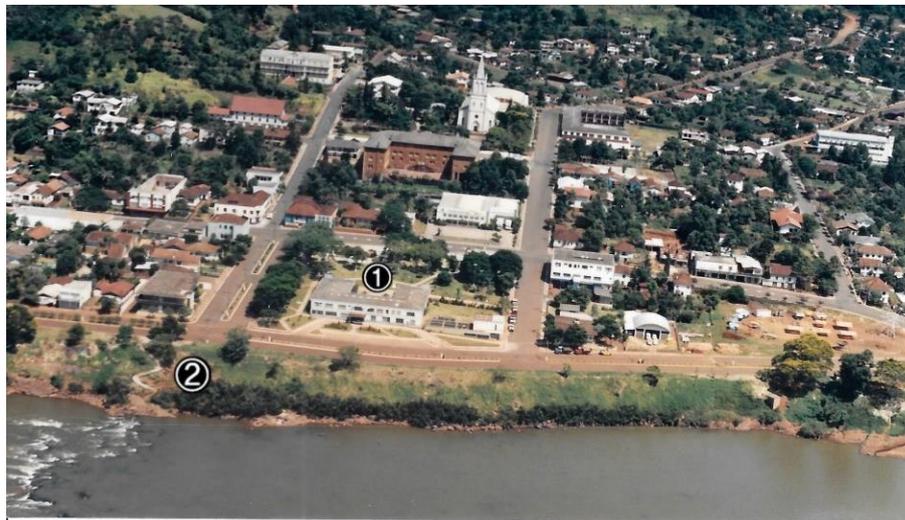
2 | ASPCETOS PAISAGÍSTICOS RELEVANTES DA ORLA

A formação do município iniciou seu traçado urbano em ruas paralelas ao Rio Uruguai, através da divisão de lotes urbanos e rurais (MAZZARDO, TEIXEIRA, 2016 apud DÜRK, FRANZEN, OLIVEIRA, 2018), onde algumas espécies de vegetação presentes na orla são nativas, outras foram implantadas pelo setor de turismo, pois anteriormente a esse processo era possível visualizar o rio sem a presença de vegetação (ITAPIRANGA, 2004). Dentro desse contexto merece destaque a Avenida Uruguai, paralela a linearidade do rio e principal via de tráfego de veículos leves e pesados, por ser o ponto de ligação entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Em relação ao processo de formação, é importante destacar a identidade local, que se adaptou ao meio e as limitações de isolamento da região, de forma que a construção dessa identidade trouxesse fortes laços das colônias de origem, porém adaptadas a nova dinâmica estrutural de Itapiranga, onde a importância do Rio Uruguai é retratada como ponto visual e organizacional pelos primeiros moradores e ainda com forte identidade e presença na atualidade (DÜRK, FRANZEN, OLIVEIRA, 2018).

É importante ressaltar que a localização da cidade, por se tratar de área ribeirinha, apresenta eventualmente problemas de enchentes relacionados ao aumento da cota de nível do rio Uruguai, dessa forma é relevante mencionar que segundo o *manual de arborização urbana de São Paulo* (2015), quando se trata da impermeabilização indiscriminada do solo, com elevada concentração de asfalto e concreto, cria-se um dos condicionantes que aumentam o escoamento superficial e também as enchentes, além disso, a ausência de arborização auxilia na produção de “ilhas de calor”, que são áreas de baixa umidade relativa e alta temperatura.

Em relação a presença de arborização, atualmente a Avenida Uruguai, apresenta vegetação intensa na porção ribeirinha, formada por maciços heterogêneos de diversos formatos de copa e alturas de árvores. A partir de fotos antigas que compõem parte do acervo do Museu municipal, percebeu-se a ausência de vegetação em parte da orla, na Avenida Uruguai, que hoje apresenta vegetação de médio e grande porte, com copa cheia e não permite a visualização do rio em alguns trechos. A região apresentava mata ciliar intensa, porém com o processo de urbanização foi feita a retirada de grande parte dessa vegetação com a intenção de divisão dessa área em lotes urbanos para a construção de edificações, como pode ser observado na figura 01.



- ① Praça das Bandeiras
- ② Escadaria para o Rio

Figura 01 – Apropriação urbana da orla do rio Uruguai.

Fonte: DÜRK, FRANZEN, OLIVEIRA, 2018.

Favoravelmente, graças as leis ambientais e a um processo de conscientização da população, não foi possível a construção de edificações nessa região, caracterizada como área de APP (área de proteção permanente), assim os moradores com o apoio da municipalidade se organizaram em grupos e procederam ao plantio e recomposição da mata ciliar anteriormente devastada. Muitas das espécies que hoje existem na margem do rio (figura 02) são as nativas da região, dentre elas é possível encontrar em maior quantidade Angico vermelho, Grápia, Louro-pardo, Guajuvira, Canafístula, Sarandi, Flamboyant, Timbauva, Grapuruvu.



Figura 02 – Vegetação presente na Avenida Uruguai, compõe parte do cenário urbano que agrega valor a cidade, local de encontros e churrascos aos domingos.

Fonte: Autores, 2019.

Em relação as espécies mais encontradas citadas anteriormente, a maior representatividade hoje, dentro do perímetro urbano é de Angico vermelho, a Canafístula e o Sarandi. Ainda, em quantidades não tão grandes dentro do perímetro urbano, mas bastante presentes quando na área rural, existem espécies como Ipês, Crebreuva, Pau-marfim, Canelas, Camboatás e Tanheiro.

Quanto ao Angico vermelho (*Anadenanthera macrocarpa*), cabe destacar que é uma árvore de porte médio e grande, de folhas caducas espiraladas, de características ornamentais, dessa forma recomendado para o paisagismo em geral, além de sua fácil adaptação a quaisquer condições de solo (IBF, [s.a.]).

A Canafístula (*Peltophorum dubium*) é mais comumente encontrada em regiões como Paraná, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Bahia, Minas Gerais e Goiás, são árvores de porte médio e grande, se desenvolvem principalmente em solos úmidos e argilosos de beiras de rios, com flores de coloração amarela (IBF, [s.a.]). Em relação ao Sarandi (*Pouteria salicifolia*), sua ocorrência acontece geralmente entre sul do Paraná e Rio Grande do Sul, caracterizado como um arbusto, de floração amarela, bastante encontrado em barrancos de rios, pois suporta a correnteza das águas e auxilia na fixação das encostas, evitando a erosão e assoreamento das margens (LORENZI, 2009).

Em relação as espécies presentes, elas possuem uma dinâmica que é refletida no estrato superior da floresta que, anualmente, no inverno perde suas folhas, recuperando-se na primavera e permanecendo verdes durante o verão e o outono. Reflexos dos gradientes ecológicos que permitem o desenvolvimento de uma flora típica de uma floresta particularmente interessante pelo dinamismo fitofisionômico.

Assim, quando se pensa em escolher espécies para compor o paisagismo urbano, alguns fatores devem ser levados em consideração, dentre eles o porte dos edifícios que o circundam em relação a proposta de vegetação a ser adotada, além das características climáticas e também fatores relativos a cultura local (MASCARÓ, 2010). Ainda é relevante se pensar o planejamento das espécies, da mesma forma que é elaborado o planejamento urbano de uma cidade, pois é importante considerar fatores relativos a largura de passeios e vias, redes aéreas e tipos de tráfego, além de questões quanto a cores, porte de árvores, texturas (SALVIATI, 1993).

Segundo Mascaró (2010), a composição de maciços heterogêneos pode permitir a passagem da brisa fresca no verão, áreas de sombra, variação de temperatura e umidade relativa do ar sob suas copas, de forma a criar áreas de sombreamento para os pedestres e veículos, favorecendo locais de lazer. Enfatiza ainda que nos maciços heterogêneos existe a possibilidade de se misturar espécies perenes e caducas, permitindo regiões de sol no inverno e sombreamento no verão.

Dessa forma, cabe destacar que os finais de semana em Itapiranga, principalmente no verão, favorecem atividades externas, pois a região apresenta topografia acidentada e a proximidade com o rio traz altas temperaturas para a cidade, o que beneficia a busca de regiões sombreadas para o convívio social. A procura pela orla inicia cedo aos domingos, graças a presença de churrasqueiras sob a copa das árvores, onde famílias e grupos de amigos se reúnem, atividade que se estende até o início da noite, acompanhada de pipoca, chimarrão ou tererê. O local é rico em encontros e trocas sociais entre os diversos atores e certamente a presença dessa vegetação, acrescida da paisagem natural composta pelo rio convida as pessoas a

socializarem e ocuparem essa avenida na cidade.

Dessa forma, considera-se que esse trecho poderia receber a nomenclatura de eixo verde (figura 03), uma vez que se estende ao longo de todo território quase como um parque linear, efetivamente ocupado aos finais de semana; claro que ainda falta muito para atingir o conceito de parque, mas a vocação existe, o local tem potencial, falta uma revitalização da área e o incentivo a práticas esportivas ligadas a água, ciclovias e pistas de caminhadas de uso exclusivo de pedestres. Ainda poderia ser proposto uma espécie de inventário das espécies nativas, como a ferramenta digital que Campinas adotou, identificada com uma etiqueta contendo um código QR, que permitisse a leitura pelo celular para acesso a esse banco de dados; quase como uma sala de aula invertida que poderia ser utilizada como metodologia de conscientização ecológica pelas escolas e pelo Centro Universitário da cidade.



Figura 03 – Vegetação nativa recomposta ao longo da orla do rio Uruguai, junto a Avenida que leva o nome do rio.

Fonte: Autores, 2019.

Cabe ressaltar que por parque linear se entende uma pequena dimensão no sentido da largura se comparada ao seu comprimento, em um recorte geográfico que se estende por muitas quadras e corta alguns trechos do tecido urbano (MEDEIROS, 2016).

Para Medeiros (2016, p. 69), “os parques lineares estão se tornando ferramentas importantes para o planejamento de espaços livres urbanos e criação de políticas públicas voltadas à busca de uma melhor qualidade de vida para a população”. O autor argumenta que esses parques podem estar ligados a córregos, rios ou lagos, de forma a prevenir enchentes em áreas densamente construídas, além do acondicionamento das águas pluviais, somados a uma área de vegetação para as pessoas e fauna nativa.

Portanto, a implantação desses parques lineares traz diversas melhorias para a comunidade local, principalmente quando se viabiliza a criação de espaços comerciais no entorno do rio, que fomentam a economia e trazem formas indiretas de subsistência aos moradores. Pode oferecer espaços significativos para o lazer, através da criação de percursos e caminhos que privilegiem o pedestre e não o carro, o incentivo a outras formas de mobilidade urbana, como a bicicleta ou o patinete, além de restaurar o ecossistema de fauna e flora, melhorando inclusive a qualidade da água e possibilitando

estratégias de controle de inundação. A população passa a se reconhecer nessa área e valorizar esse espaço, também auxiliando na sua preservação.

Outro aspecto interessante em relação a vegetação é a presença em grande parte das árvores de orquídeas, de diversas cores de floração, mas predominantemente na cor lilás. Esse é um fenômeno natural e também introduzido pelo homem, algumas são fruto da propagação pelas aves, que se alimentam destas e através das fezes alastram as mudas, porém a grande maioria é introduzida pelos moradores, que colocam galhos presos as árvores de forma a criar um cenário colorido na primavera e verão. Essa prática acontece em diversas regiões da cidade, não apenas nas árvores da avenida, mas também naquelas localizadas junto as vias públicas e dentro dos lotes dos moradores. A figura 04 ilustra essa vegetação, ainda sem flores devido a época do ano em que foi realizado o registro fotográfico. Dessa forma, como argumenta Mascaró (2010) o espaço se alterna no decorrer das estações do ano, ou graças a perda de folhas nas espécies caducas ou através da cor da floração, modificando física e psicologicamente o espaço.



Figura 04 – Presença de orquídeas em grandes maciços na arborização da cidade.

Fonte: Autores, 2019.

Em relação a recomposição das espécies da orla, essas respeitaram a mata ciliar nativa, com a presença de poucas árvores exóticas, de forma a manter a mesma identidade, porém merece destaque a implantação de uma espécie que se tornou símbolo do município, a figura 05 é o registro da Figueira (*Ficus organensis*), localizada também na Avenida Uruguai e que foi plantada pelo prefeito Ludgero Wiggers em

1976 (segundo placa presente no local), quando trouxe as sementes dessa espécie de uma árvore localizada em Florianópolis, com o intuito de criar uma identidade regional ao estado, com a ideia de “uma figueira plantada em cada extremo de Santa Catarina”.



Figura 05 – Figueira plantada na avenida Uruguai, como símbolo de uma figueira em cada extremo de Santa Catarina.

Fonte: Autores, 2019.

Nos canteiros que compõem a avenida também é possível visualizar a presença de palmeiras que foram plantadas pelo poder público e não representam a vegetação local, a mesma espécie mais adulta é visualizada em um ponto mais alto da cidade. O coqueiro nativo da região não apresenta essa característica da palmeira da foto, aqui é composta por um conjunto de ramificações na formação da copa, a palmeira da região, ao contrário dessa, é de copa única. Apesar de não ser nativa cria um ponto focal que se destaca, mas não se sobressai ao rio, como pode ser observado na figura 06.



Figura 06 – Palmeira que não faz parte das espécies nativas de Itapiranga.

Fonte: Autores, 2019.

A partir do exposto percebe-se que mesmo com pouco planejamento paisagístico, a cidade de Itapiranga, graças principalmente a presença do rio, elemento de grande identidade local, se destaca na paisagem pela conservação de suas áreas verdes e presença de vegetação nativa, intimamente ligada a relação com o rio com seu tecido urbano.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível pensar em Itapiranga sem falar em paisagem, conceito, segundo Sauer (1929) que está atrelado ao resultado de um somatório de diversos elementos, de formas de percepção isoladas ou integradas que envolvem questões físicas, diversidade do relevo, hidrologia, a flora e a fauna e os efeitos provocados pelo homem.

O que mais chama a atenção na cidade, tanto pelo acesso de Santa Catarina como pela travessia de balsa do Rio Grande do Sul é a paisagem, o rio, que emoldura a beleza natural da região, a vegetação, intensa nas margens que permeia o relevo, pois, geralmente o que se vê nas cidades é uma urbe árida e uniforme, quase monótona, pela ausência de vegetação, diferente do que se encontra nessa região.

A proposta desta pesquisa, além de levantamento conciso das espécies ribeirinhas da orla dentro do perímetro urbano, também tentou enfatizar a beleza, valorizar a simplicidade nessa aferição entre os limites que permeiam aquilo que pode ser considerado paisagem natural e a resultante da ação do homem; e que no caso de Itapiranga é cada vez menos evidente. Aquilo que para muitos poderia ser considerado como natural em análises levantadas nesse *paper* apontam para ações antrópicas, isso considerando apenas a análise do acervo do museu e informações coletadas junto a comunidade, sem levantar a questão que poderia ser fruto de plantios realizados por civilizações mais antigas que habitavam essa região, como meio de subsistência. Não se espera com este esgotar o assunto, mas sim incitar outros autores a pesquisar aquilo que a cidade tem a oferecer e que se destaca na região, sua paisagem natural.

REFERÊNCIAS

DÜRK, Indiana, FRANZEN, Douglas Orestes e OLIVEIRA, Patrícia Dalmina de. **O rio Uruguai e a formação da paisagem de Itapiranga – SC**. Disponível em www.amigosdanatureza.org.br/eventos/data/inscricoes/4037/form182012897.pdf. Acesso em: 11 jun 2019.

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. **Rios e cidades: ruptura e reconciliação**. São Paulo: Senac, 2010. 299 p.

GUIMARÃES, Elom Alano. **Parques lineares como agenciadores de paisagem: realidades e possibilidades do rio tubarão no contexto urbano de Tubarão, SC**. Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30376352.pdf>. Acesso em: 15 jul 2019.

HEINEN, Luiz. **Colonização e Desenvolvimento do Oeste de Santa Catarina: Aspectos Sócio-Político-Econômicos e Religiosos**. Joaçaba: Editora UNOESC, 1997, 412 p.

IBF, **Instituto Brasileiro de Florestas**. Disponível em encurtador.com.br/lnu12. Acesso em: 12 jun 2019.

ITAPIRANGA. **Resgate histórico político-administrativo de Itapiranga 1954-2004**. 1ª. ed. Itapiranga, 2004.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. 126 p.

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Vol. 3, 1. Ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009. 384 p.

MASCARÓ, Lúcia e MASCARÓ, Juan Luis. **Vegetação Urbana**. Porto Alegre: Masquarto editora, 3ª edição, 2010. 212 p.

MEDEIROS, José Marcelo Martins. **Parques lineares ao longo de corpos hídricos urbanos: conflitos e possibilidades; o caso da orla do lago Paranoá – DF**. Brasília, 2016. Disponível em: file:///D:/Users/Arquitetura/Desktop/2016_Jos%C3%A9MarceloMartinsMedeiros.pdf. Acesso em: 16 jul 2019.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Porto Novo: a Canaã dos colonos e imigrantes alemães católicos na década de 1920**. In: FRANZEN, Douglas Orestes e MAYER, Leandro (Org.). Porto Novo 90 anos: perspectivas históricas e contemporâneas. São Leopoldo: Oikos, 2016, 399 p.

SALVIATI, Eurico João. **Tipos vegetais aplicados ao paisagismo. Paisagem e Ambiente: ensaios**. São Paulo: FAUUSP, v. 5, 1993, p. 9-45.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal. **Manual técnico de arborização urbana**. São Paulo: Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, 2015. 122 p.

SAUER, Carl. **O patrimônio natural do Brasil**. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil.pdf. Acesso em: 12 jun 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arborização urbana 144, 145, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 180, 181, 207

Arquitetura brasileira 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 63, 64, 65

Arquitetura contemporânea 13, 14, 37, 45, 63, 68

Arquitetura moderna 6, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

C

Centro cultural 70, 72, 73, 74, 76, 77, 80

Cidades verdes 212

Conforto ambiental 7, 200, 202, 203, 207, 213, 222

Conservação 61, 62, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 110, 118, 167, 171, 176

D

Desenho urbano 136, 140, 159, 225

Direito à moradia 191, 192, 193, 197, 198, 199

Diversidade urbana 147, 151, 157

E

Espaço público 53, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156

G

Grandes projetos urbanos 82, 83, 84, 87, 91

I

Infraestrutura 18, 27, 31, 49, 51, 52, 73, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 123, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 170, 174, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 189, 192, 193, 196

M

Metodologia de ensino 1

Mobilidade urbana 18, 31, 90, 164, 182, 183, 184, 185, 187, 189, 190

N

Neurbanism 82

P

Patrimônio 62, 74, 77, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 119, 125, 130, 168, 171, 180, 193, 225

Pesquisa 1, 3, 4, 5, 10, 11, 13, 35, 39, 52, 55, 56, 62, 65, 76, 83, 91, 94, 128, 142, 151, 167, 169, 172, 173, 174, 177, 179, 181, 182, 186, 187, 189, 197, 198, 203, 204, 212, 214, 215, 222, 223, 224

Planejamento urbano 91, 130, 146, 151, 152, 157, 159, 163, 169, 170, 180, 182, 183, 184, 189, 199, 202, 225

Práticas sociais 54, 71, 147, 151, 152, 153

Preservação 12, 14, 21, 26, 27, 30, 41, 51, 93, 94, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 125, 130, 131, 165, 172, 180, 181, 205, 207, 225

Projeto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 99, 102, 103, 124, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 175, 176, 183, 186, 188, 189, 192, 196, 197, 198, 206, 211, 213, 214, 221, 222, 224, 225

Q

Qualidade urbana 136, 141, 180

R

Requalificação urbana 136, 139, 147, 148, 155, 183

U

Urbanismo 1, 2, 4, 8, 10, 12, 13, 40, 43, 45, 47, 50, 55, 56, 57, 70, 81, 104, 113, 136, 140, 146, 147, 154, 159, 176, 181, 182, 191, 200, 201, 210, 225

Urbanismo sustentável 200

V

Vida pública 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-707-9



9 788572 477079